

TODAS AS ARTES

.....
REVISTA LUSO-BRASILEIRA DE ARTES E CULTURA
ALL THE ARTS LUSO-BRAZILIAN JOURNAL OF ART AND CULTURE



Vol. 8, N. 1, Jan.-Abr. 2025
ISSN 2184-38052

TEMOR DA IDADE ADULTA: DRAMA DE ONTEM E DE HOJE

FEAR OF ADULTHOOD: DRAMA OF YESTERDAY AND TODAY

LA PEUR DE L'ÂGE ADULTE: DRAME D'HIER ET D'AUJOURD'HUI

MIEDO A LA EDAD ADULTA: DRAMA DE AYER Y DE HOY

Silvia Regina dos Santos Coelho

Universidade Católica de Brasília, Brasil

Candido Alberto Gomes

Centro de Investigação em Didática e Formação de Formadores, Universidade de Aveiro, Brasil

Ivar César Oliveira de Vasconcelos

Universidade Católica de Brasília, Brasil

RESUMO: Este trabalho investiga as relações entre os mitos clássicos na fábula de Peter Pan, narrada pela obra audiovisual “Em Busca da Terra do Nunca”, com o objetivo de analisar as implicações sociais e educacionais do temor da idade adulta que acomete jovens na infância e adolescência. Além disso, verificam-se as implicações do aumento da expectativa de vida das populações contemporâneas, com a sua coorte de mudanças sociais, educacionais e econômicas. Assim, cresce o tempo de espera para a vida adulta, em meio a angústias e transtornos. A análise bibliográfica se baseou na filosofia de Platão, no pensamento de Edgard Morin e na perspectiva sociológica de contemporâneos, além de remeter a itens da teoria psicanalítica. Concluímos que as dificuldades de ingresso na vida adulta conferem maior complexidade às identidades atuais.

Palavras-chave: Peter Pan, juventude, demografia, educação.

ABSTRACT: This study investigates the relationships between classical myths and the fable of Peter Pan narrated in the audiovisual work “Finding Neverland”. Its aim is to analyze the social and educational implications of the fear of adulthood affecting children and adolescents. Furthermore, it focuses on implications of the increase in life expectancy of contemporary populations, with its cohort of social, educational, and economic changes. Thus, the waiting time for adulthood increases, amid anguish and disorders. The bibliographic analysis was based on Plato's philosophy, Edgard Morin's thinking, and the sociological perspective of contemporary authors, in addition to referring to items from psychoanalytic theory. We conclude that the difficulties of entering adulthood confer greater complexity to current identities.

Keywords: Peter Pan, youth, demography, education.

RÉSUMÉ: Cette étude a examiné des relations entre les mythes classiques de la fable de Peter Pan, racontée dans l'œuvre audiovisuelle «À la recherche du Pays Imaginaire», afin d'analyser des implications sociales et éducatives de la peur de l'âge adulte qui touche l'enfance et l'adolescence. De plus, elle vérifie les implications de l'allongement de l'espérance de vie des populations contemporaines, avec son cortège de changements sociaux, éducatifs et économiques. Ainsi, le temps d'attente pour l'âge adulte s'allonge, s'accompagnant d'angoisses et de troubles. L'analyse bibliographique s'est appuyée sur la philosophie de Platon, la pensée d'Edgard Morin et la perspective sociologique de auteurs contemporains, en plus de se référer à des éléments de la théorie psychanalytique. Nous concluons que les difficultés d'entrée dans l'âge adulte complexifient les identités actuelles.

Mots-clés: Peter Pan, jeunesse, démographie, éducation.

RESUMEN: Este estudio investiga las relaciones entre los mitos clásicos y la fábula de Peter Pan narrada en la obra audiovisual “Descubriendo Nunca Jamás”, con el objetivo de analizar las implicaciones sociales y educativas del miedo a la adultez que afecta a la infancia y adolescencia. Además, se verificaron las implicaciones del aumento de la esperanza de vida en las poblaciones contemporáneas, con su conjunto de cambios sociales, educativos y económicos. Así, el tiempo de espera para la adultez aumenta, en medio de angustia y trastornos. El análisis bibliográfico se basó en la filosofía de Platón, el pensamiento de Edgard Morin y la perspectiva sociológica de autores contemporáneos, además de referirse a elementos de la teoría psicoanalítica. Concluimos que las dificultades para entrar en la adultez confieren mayor complejidad a las identidades actuales.

Palabras-clave: Peter Pan, juventud, demografía, educación.

1. Entrada

O temor de assumir os papéis adultos no decorrer da vida não é um drama de hoje. A mitologia clássica já retratava o dilema, como nos tempos atuais, da modernidade líquida (Bauman, 2001), com a continuidade de outras dinâmicas. Isto porque tudo flui continuamente, como o rio de Heráclito (2003), inclusive a estrutura etária da população, as etapas da vida humana, suas expectativas de comportamento e seus impasses. Uma consequência tangível é o comportamento pessoal infantil, rebelde e inconsequente (Colauto, 2021), quer dizer, em desacordo com as expectativas dos papéis esperados. De certo modo, buscamos a estabilidade na instabilidade, ou seja, no fluxo das mudanças, variações em torno do mesmo tema.

Conhecida narrativa é a fábula de Peter Pan, na obra audiovisual estadunidense “*Finding Neverland*”, (Forster, 2004), traduzida no Brasil com o título de: “*Em Busca da Terra do Nunca*”, baseada na peça teatral “*Peter Pan and Wendy*” (Barrie, 1911), sob a direção do cineasta Marc Forster. A obra narra a história delicada e autobiográfica do teatrólogo, romancista e dramaturgo escocês, James Matthew Barrie (1860-1937), (estrelado por Johnny Depp), por trás do seu encontro com os meninos, filhos da viúva Sylvia Llewelyn Davies (estrelada por Kate Winslet), que teria inspirado sua maior criação teatral e literária, “Peter Pan”, um intrépido e encantador garoto que se recusava a crescer.

A história narrada na obra audiovisual se passa em Londres, principalmente nos Jardins Kensington, onde Barrie por meio de brincadeiras e criação de histórias de aventuras imaginárias em um mundo mágico onde as crianças nunca envelheciam, tentava trazer de volta aos meninos a capacidade de imaginar e acreditar na realização dos sonhos.

Para enfatizar esse caráter de sonho, Forster, diretor da obra audiovisual optou por colocar cenas que mesclavam fantasia e realidade. Este artifício divertiu a plateia e ajudou a entender como o autor da peça tentou reconstruir a infância dos meninos Davies, abalada pela morte do pai, e como também Barrie aproveitou para reviver a sua própria infância.

Vale salientar que, alguns analistas e críticos de teatro, cinema e literatura expõem que a criação do personagem Peter Pan, por Barrie, surgiu não só da sua relação de amizade com os meninos Davies, mas, surgiu também por causa do falecimento de seu irmão David, morto em um acidente de patinação no gelo um dia antes de completar 14 anos de idade. E, assim, por ter perdido a vida ainda muito jovem, o irmão de Barrie foi um menino que nunca cresceu, fato esse, que influenciou Barrie ao criar o conceito central do personagem Peter Pan, como o menino que não queria crescer.

De modo que, pode-se afirmar que a inspiração principal de Barrie para criar a peça teatral Peter Pan veio de suas experiências pessoais, incluindo a morte de seu irmão e o seu relacionamento com os meninos da família Davies. Dessa forma, observa-se por meio da referida obra audiovisual que desde o início da trama até o final, o dramaturgo Barrie conseguiu abrir sua mente para um mundo em que a fantasia e a inocência de uma criança caminhavam de mãos dadas com o desejo de um homem descontente com o rumo da própria vida.

Feitas essas considerações, o presente artigo teve por objetivo analisar as implicações sociais e educacionais do temor da idade adulta que acomete jovens na infância e adolescência, e verificar em que medida o contexto histórico-cultural da peça teatral Peter Pan narrada na referida obra audiovisual se aplica na atualidade, levando em conta a relação da ideia de mito que cerca o personagem Peter Pan, por meio do conceito introduzido por Carl Gustav Jung (1875-1961), o de inconsciente coletivo. Para esse autor “o inconsciente coletivo representaria aquilo que está em cada ser humano, independentemente da época em que tenha vivido e, assim, faria parte da identidade de cada um de nós.” (Jung, 1977, 1998).

Objetivou-se ainda, compreender o fenômeno do prolongamento da adolescência, conhecida também como a síndrome de Peter Pan, que se caracteriza pela grande dificuldade da pessoa em ver-se como um adulto e desvincular-se totalmente do seu papel de criança para crescer. A síndrome de Peter Pan resultou do estudo do psicólogo norte-americano Dan Kiley (1983) que se intitula “*Peter Pan Syndrome: Men Who Have Never Grown Up*”, ou “Síndrome de Peter Pan: os homens que nunca crescem”, na tradução para a língua portuguesa.

Para Marques (2023), a resistência em crescer é mais comum entre os homens, apesar de atingir também as mulheres. Tal comportamento pode afetar a vida acadêmica, profissional e sentimental. O autor explica que, em geral, o homem cresce fisicamente, mas sua mente continua imersa num universo de comportamentos infantilizados, que faz com que os seus *hobbies*, brincadeiras e preferências alimentares sejam associados à infância e adolescência.

Além disso, o referido fenômeno também gera ou desperta comportamentos narcisistas, o que interfere diretamente na qualidade de vida do indivíduo e nas suas relações interpessoais. O curioso é que a resistência em crescer encanta as pessoas até os dias atuais, e as atitudes e comportamentos do personagem mítico Peter Pan transformaram-se

em referência para os indivíduos com dificuldade de amadurecer. Contudo, não tem nenhuma relação com o desenvolvimento físico ou intelectual do indivíduo, mas apenas com a sua maturidade e com as suas emoções.

Vale salientar que a síndrome de Peter Pan, ou adolescência prolongada, tem sido associada a padrões de comportamento de jovens e adultos das gerações millenials e z, esta última também conhecida como "gen z" ou "zoomers", expressões cunhadas para se referirem às pessoas que nasceram a partir de determinada época.

Ressalte-se que na obra literária publicada em 1991, intitulada: "*Generations: The History of America's Future, 1584 to 2069*", de autoria dos norte-americanos William Strauss, escritor e dramaturgo, e do historiador, Neil Howe, foram nomeadas as gerações que vão da geração arturiana (nascida de 1433 a 1460) à geração z (nascida no século XXI). Ao conduzirem suas pesquisas, eles notaram padrões repetidos (reviravoltas) de eventos ao longo de gerações. Segundo esses autores, as quatro últimas gerações são assim classificadas: (a) os *baby boomers*, de 1943 a 1960; (b) a geração X, de 1961 a 1981; (c) os *millennials*, ou geração Y, de 1982 a 2004; (d) a geração z, de 2005 ao presente.

Os millenials, ou geração Y, testemunharam a transição da era analógica para a digital, crescendo com o desenvolvimento de computadores pessoais, a internet e os primeiros smartphones. Os *millennials* foram os primeiros a adotarem redes sociais e a usar a internet como uma ferramenta essencial em suas vidas pessoais e profissionais.

A "geração z" cresceu em um mundo onde a tecnologia digital e a internet são parte de suas vidas diárias. Seus integrantes são considerados nativos digitais, familiarizados com smartphones, redes sociais e conectividade constante desde a infância. Eles têm acesso a uma quantidade sem precedentes de informações e são conhecidos por sua habilidade em navegar no mundo digital.

Enfim, as gerações são entes sociais relevantes, além de tantos outros como classe, gênero, casta, ascendência, etnia, cujas divisões se acrescentam às análises científicas de hoje. Então, quais os contatos entre uma ficção, baseada em realidades de outro século, e a contemporaneidade, ao revelar temores similares em relação ao futuro e à assunção de maiores responsabilidades?

Consideremos que, formalmente, as gerações hoje são consideradas cada vez mais preparadas para o futuro, embora este talvez seja mais temerário. É claro que a perspectiva de uma só ciência não esgotaria este tema, motivo pelo qual reunimos aqui várias luzes.

Em resumo, cumpre salientar que o presente artigo se divide em seis tópicos, incluída à introdução. O segundo tópico aborda a metodologia adotada. O terceiro tópico apresenta um breve panorama da presença oculta do mito na trama *Em Busca da Terra do Nunca* (Forster, 2004). O quarto trata da influência da mitologia na origem do nome Peter Pan. O quinto tópico aborda as mudanças na estrutura etária e suas implicações. E, por fim, o sexto tópico elenca as considerações finais.

2. Metodologia

Esse estudo teve como referenciais metodológicos a pesquisa bibliográfica, com emprego de abordagem qualitativa para investigar as relações entre os mitos clássicos na fábula de Peter Pan, narrada na obra audiovisual *Em Busca da Terra do Nunca*, (Forster, 2004), com o objetivo de analisar as implicações sociais e educacionais do temor da idade adulta que acomete jovens na infância e adolescência.

A fim de contribuir para a investigação foram contempladas algumas narrativas contidas na referida obra. A análise bibliográfica se baseou na filosofia de Platão, nos pensamentos de Sigmund Freud (1856-1939) e Carl Gustav Jung (1875-1961), e nos pensamentos extraídos de obras de Edgar Morin (1921-) sobre *"Cultura de Massa no Século XX"* (2009), e *"Método 3: O Conhecimento do Conhecimento"* (2008), bem como na perspectiva sociológica de contemporâneas, além de remeter a aspectos da teoria psicanalítica para compreender o significado dos mitos e arquétipos na formação do indivíduo e como o conhecimento sobre a mitologia clássica pode ser utilizado e interpretado na prática pedagógica, seja em sala de aula ou em outros contextos educacionais.

3. A presença oculta do mito na trama "Em Busca da Terra do Nunca"

De acordo com Edgar Morin (2009), após um longo período de negação pelo espírito científico, a filosofia redescobriu a partir do século XIX a importância do mito e questionou os seus mistérios. Na França, mais precisamente, começou a surgir uma cultura popular de massa: primeiramente, na literatura, até então dedicada às classes abastadas. Na Inglaterra, com a expansão das ferrovias, floresceu a Railway Literature, composta de romances populares de fácil leitura que serviam de passatempo nas viagens.

No início do século XX, nos Estados Unidos, o rádio surge como veículo de irradiação de histórias seriadas. As radionovelas passaram a ser importantes, unindo folclore e adaptando obras clássicas da literatura e teatro. Da mesma forma, o cinema e a TV, com papel essencial no reforço e manutenção dos mitos. Para Morin (2008, pp. 180), "o mito emociona. Dirija-se à subjetividade, vinculado ao temor, à angústia, à culpabilidade, à esperança e dá-lhes resposta."

O mito preenche as enormes brechas abertas pela interrogação humana e, sobretudo, mergulha no vazio existencial da morte, trazendo não somente a informação sobre a origem do inevitável fim, mas oferecendo solução ao problema, por meio da revelação da vida após o seu término. O mito procura explicar os principais acontecimentos da vida: fenômenos naturais e origens do gênero humano e do mundo através de deuses, semideuses e heróis (Morin, 2008).

A partir disso, observa-se que todas as culturas têm em seu universo simbólico os seus mitos, muitos dos quais, expressões particulares de arquétipos, todos valiosos integrantes da cultura não material. Um inconsciente coletivo, é disto que trata o conceito de arquétipo, desde Carl Jung (1977, 1998), colocando-se como uma forma preexistente determinante do psiquismo, capaz de provocar uma representação simbólica presente nos sonhos, na arte ou religião. Uma espécie de patrimônio simbólico de toda a humanidade, complementado por características individuais, e que justifica, por exemplo, o fato de uma criança emergir desse inconsciente coletivo para chegar à sua individuação.

Sendo assim, nunca deve ser interpretado como representações herdadas, pois o conceito se refere a uma tendência instintiva, aquilo que nosso corpo físico quer dizer ao nosso existir simbólico, repetindo-se em qualquer época e qualquer lugar do mundo.

Por isso, os mitos são formas de expressão dos arquétipos, falando daquilo que é comum aos seres humanos de todas as épocas. Referem-se às realidades arquetípicas, isto é, situações com as quais todos nós nos deparamos ao longo da nossa vida, e vão explicar, auxiliar e promover transformações psíquicas tanto no nível individual como no nível coletivo de uma certa cultura.

Os mitos, integrantes do inconsciente coletivo, agem como elos mediadores entre o consciente e o inconsciente, importantes para a psicanálise. A visão “objetiva” das sociedades de hoje pode levar ao vazio e à perda de sentido. Ao contrário, nas sociedades antigas os mitos, com os seus rituais, fundamentavam a sua organização e a obtenção de sentido. Hoje as sociedades continuam a criar mitos, como super-heróis em variadas obras culturais, nas redes e plataformas, inclusive nos jogos de vídeo, que recorrem a mitos de sociedades antigas.

Nesse sentido, o herói mítico “Peter Pan” funciona como uma projeção e identificação dele mesmo, ou seja, esse garoto intrépido, que não queria crescer e que faz parte do imaginário popular, é a própria imagem-reflexo do dramaturgo Barrie. Esse universo imaginário do que trata a peça teatral, vertida para a obra audiovisual, adquire vida não só para o dramaturgo, mas também para os garotos Davies, que também se projetam e se identificam com os personagens, assim como todos os espectadores da peça teatral, que de alguma forma também se identificam com os personagens.

Sob este ângulo, Morin (2009) entende que há sempre uma certa libertação psíquica em tudo o que é projeção, isto é, expulsão para fora de si daquilo que fermenta no interior obscuro de si. Dessa forma, as potências de projeção, isto é, também as de divertimento, evasão, compensação, expulsão, até mesmo de transferência quase sacrificial, se propagam por todos os horizontes do imaginário. Elas tecem os enfáticos universos da epopeia, da magia, do fantástico.

Do exposto, corrobora-se também com Mircea Eliade (1972) ao afirmar que os mitos fornecem os modelos para a conduta humana, conferindo, por isso mesmo, significação e valor à existência. Para esse autor, o mito e a ciência são formas de construção de saberes com legitimidade equivalente, porque ambos estão orientados para a mesma finalidade de tornar o mundo inteligível.

4. A influência da mitologia na origem do nome Peter Pan

Morin (2008) explica que as mitologias são narrativas, pois os maiores ou os mais profundos mitos contam a origem do mundo e dos seres humanos, seu estatuto e destino na natureza, suas relações com os deuses e com os espíritos. Na sua concepção, os mitos não tratam somente da cosmogênese ou da passagem da natureza à cultura, mas também de tudo o que se refere à identidade, ao passado, ao futuro, ao possível, ao impossível, e de tudo o que suscita a interrogação, a curiosidade, a necessidade, a aspiração.

De modo que a narrativa mitológica, quando se propõe a contar o nascimento do mundo, dos deuses, a origem da morte, a sorte reservada aos humanos, não recorre de forma alguma a uma causalidade geral, objetiva e abstrata: são sempre entidades vivas que, por meio de atos concretos e acontecimentos singulares, criam o mundo, suscitam os fenômenos e fazem a sua história.

Os mitos transformam a história de uma comunidade, cidade, povo, tornando-os lendas, e geralmente tendem a duplicar tudo o que acontece no mundo real e no mundo imaginário para ligá-los e projetá-los no mundo mitológico. Conforme Morin (2009, pp. 81), “as grandes mitologias contêm, de maneira misturada, as diferentes virtualidades e os diferentes níveis do imaginário”. Porém, cada grande mitologia possui suas próprias estruturas, e cada cultura orienta relações próprias entre os seus membros e o imaginário.

Infere-se, a partir dessas explicações, que Barrie usou elementos do mito na escolha do nome de “Peter Pan”, dado por ele ao personagem da peça teatral narrada na obra audiovisual *Em Busca da Terra do Nunca* (Forster, 2004), que, segundo alguns críticos de cinema e literatura, provém de duas fontes: Peter Llewelyn Davies, um dos filhos da viúva, Sylvia Davies, e de “Pan”, o deus grego das florestas, campos, pastores e rebanhos.

Na mitologia grega, Pan, filho do deus Hermes, tinha um torso/tronco humano, mas com características de bode, como pernas, chifres, orelhas e cauda. Suas representações iniciais eram mais animais, como um bode completo, mas com o tempo, ele adquiriu um torso e cabeça humanos, mantendo os atributos caprinos.

Seu culto originou-se na Arcádia, espalhou-se pela Grécia e chegou a Roma, onde Pan passou a ser identificado ora como Fauno, ora como Silvano, deus das matas. De sexualidade brutal, sua aparição poderia provocar um medo, “pânico”. Representado também com uma flauta, ele protegia os rebanhos e se divertia com as ninfas.

Como reforço dessa argumentação, encontrou-se no diálogo “Crátilo”, de Platão (séc. IV a.C., 2001), a afirmação de que o deus Pan tinha uma dupla natureza, liso no alto, e rude e semelhante a um bode embaixo. Afirma ainda o filósofo que “Pan”, por ser filho de Hermes, deus da comunicação, pode ser considerado também como o deus do “discurso”, ou o irmão do discurso, e que o “discurso” significa todas as coisas e fá-las rodar e virar, tendo duas formas, o verdadeiro e o falso.

Assim, conforme Platão (séc. IV a.C., 2001), o discurso verdadeiro é liso e divino, e mora no alto entre os deuses, enquanto o falso mora cá embaixo, entre os homens comuns, por ser rude e semelhante ao bode (referência aos membros dos coros das tragédias antigas, que apareciam em cena vestidos com peles de bode). Conclui o filósofo grego que é realmente no domínio da tragédia que se encontram muitas das fábulas e mentiras.

Em sua vertente explicativa, os mitos antigos contribuem para elucidar dramas da Inglaterra do início do século XX, época em que se passa a história narrada pela obra audiovisual. Não crescer, não assumir novos papéis e responsabilidades, tem a ver com os temores de futuros desconhecidos, não raro temíveis, caracterizando uma angústia – o nada, o “nunca”, a transcendência, e que se mostrará como o terror ao enigmático inconsciente, tanto individual como coletivo (Heidegger, 1953; Freud, 1926).

Terror, porque, em Heidegger (1953) – no qual a subjetividade é radicalizada – o nada é o véu do ser e é discutido pelo autor a partir de uma antropologia. Ao se propor dar continuidade aos estudos de Freud, Lacan (1974/1975) explica que o lugar do Ser é o Real, e o Real é aquilo que é impossível de ser capturado pela linguagem ou pela imagem – ele não é a realidade, mas aquilo que é marcado pela impossibilidade de simbolização. Logo, os futuros desconhecidos se colocam frente a frente com certos conteúdos inconscientes.

Com base nesse arcabouço teórico, verificou-se que o dramaturgo Barrie, ao criar a peça teatral “Peter Pan”, narrada na obra audiovisual *Em Busca da Terra do Nunca* (Forster, 2004), apoiou-se em dois pensamentos: o racional e o mitológico, que resultou na criação de um mundo encantado semelhante ao das comédias e tragédias da Grécia antiga. Assim, se, por um lado, a peça teatral conseguiu produzir uma narrativa agradável a crianças, adolescentes e adultos, que entraram em contato com a fantasiosa “Terra do Nunca”, ao se reconhecerem nos dramas do seu herói mítico, por outro lado, a narrativa cinematográfica perpetuou a antiga tradição dos romances, teatros e do cinema, onde se encontrou o apego à ilusão, como diria Freud (1926), ou ao simulacro, como diria Baudrillard (1981).

De fato, menos de uma década depois da peça teatral *Peter Pan and Wendy* (Barrie, 1911), eclodiu a Primeira Guerra Mundial. Melhor teria sido continuar criança para não enfrentar os novos horrores. Ao contextualizar o drama e a posteriormente definida síndrome de Peter Pan em psicologia, estamos atentos às dinâmicas do tempo e do espaço. A vida de então não era a de hoje, o que nos desafia a identificar as mudanças, mesmo que a referida síndrome continue a acometer certo número de jovens. Que ventos novos sopraram desde então?

5. As mudanças na estrutura etária e suas implicações

Enquanto em 2015 a expectativa de vida no Reino Unido era de 83 anos para a mulher e 79 para o homem, àquela época, no decênio de 1900, a média era de 49,1 anos, mais alta para pessoas de melhores condições sociais, capazes de passear no Kensington Park. Ou seja, a infância era mais duradoura, a adolescência ainda se esboçava e a velhice chegava mais cedo. Hoje a vida se alongou e, com a extensão da escolaridade, associada à progressiva proibição do trabalho infantil, surgiu nas sociedades industriais uma nova idade, a adolescência, que tem crescido em detrimento da infância e do adiamento da idade adulta (Gomes, 2012). A vida se assemelha a uma sanfona que se dilata e se contrai em certas áreas para gerar novos sons ou fisionomias de idades.

O domínio gradual do próprio tempo é uma característica da adolescência, quando assume autonomia e deixa para trás a heteronomia da infância. Por isso, prevalece o interesse pelo presente, não a saudade do passado, nem a ânsia de ser adulto, pois ser criança está superado e o futuro, pelo desemprego, vulnerabilidade do trabalho e baixa renda, entre outros aspectos, não autorizam a apressar o ritmo da vida (Lachance, 2013).

Ao contrário, com a inflação educacional, mais anos de escolaridade são necessários para talvez alcançar o mesmo nível socioeconômico dos pais. Surge então a pós-adolescência (Galland, 2011), moratória necessária para ingressar na idade adulta. Entra-se mais tarde e encerra-se cada vez mais tarde a vida economicamente ativa. Quanto à infância, abreviou-se: à época de Barrie a escrita e a falta de meios de comunicação de massa constituíam um

anteparo de proteção das crianças contra a violência e a sexualidade, duas áreas privativas dos adultos. Contudo, logo veio o rádio, em seguida a televisão, o cinema e mais tarde os computadores, com as suas redes e redes de redes (Postman, 1994). Os “mistérios” dos adultos se descerraram ao ponto de ser possível a uma criança saber até do que um adulto não sabe.

Assim, se caracteriza a ânsia de ser “independente” e de fazer o que os adultos tipicamente fazem, como tomar álcool e praticar sexo, testando limites e enfrentando perigosos desafios, muitos destes propostos pelas redes sociais. As sociedades adolescentes se estruturaram mais rápido em países desenvolvidos (Coleman, 1965), estabelecendo as suas próprias normas e modas, impondo-as a quem quer se integrar ao grupo e excluindo aqueles que não “entram nos jogos”. Se os fatos sociais ocorrem entre a maioria, tornam-se coercitivos para os membros dos grupos. Mas não basta a exclusão: os “diferentes” são agredidos de diversos modos pelo bullying e o cyberbullying.

É claro que não se deve generalizar: a maioria passa por esta etapa da vida sem maiores conflitos, sem arriscar-se irracionalmente, sem passar rapidamente aos atos, seguindo a irrupção de sentimentos abruptos, cometendo infrações ou desenvolvendo adições. Existe também felicidade na adolescência, até por não precisar assumir certas responsabilidades então atribuídas aos pais e responsáveis – a despeito das possibilidades de transtornos mentais, pois a percepção da realidade vai ficando cada vez mais distante, no dia a dia da formação da personalidade (Freud, 1915).

Mais difícil é atravessar os umbrais da idade adulta, às vezes tão assustadora que leva à síndrome de Peter Pan nos estudos superiores e depois deles. Cerca de meio século depois de Barrie era comum em países desenvolvidos terminar a escola secundária, conquistar um emprego relativamente estável, casar-se e ter filhas/os a partir dos 18 anos de idade (Arnett, 2023). Atualmente, porém, verdadeiros terremotos nos sacudiram: a precariedade do trabalho aumentou e, é preciso passar por ordálios para alcançar uma remuneração capaz de assegurar o sustento individual, quanto mais constituir uma família.

Nessa perspectiva, nas sociedades urbano-industriais, a adolescência hoje não requer ritos de passagem, que vincam as mudanças da vida, marcando a separação da etapa anterior e seus grupos, como a infância, ao mesmo tempo que agregam a novos grupos e nova cultura, como a adolescência, por serem esses ritos informais e dolorosos ao transitar para a idade adulta, com a busca e a vulnerabilidade do trabalho, exceto, claro, para quem herda o status socioeconômico dos ascendentes, acaba-se prolongando a dependência dos pais e aumenta a pobreza juvenil.

Emergem assim, novas angústias e discriminações, como o preconceito contra os jovens, frequentemente manifestado como etarismo reverso, uma forma de preconceito etário reverso conhecida como "jovemismo", que os atingem, caracterizando-os, muitas vezes, como imaturos ou inexperientes no ambiente de trabalho, mesmo quando demonstram competência (Murray, 2024).

Ressalte-se que o etarismo reverso se intensificou em tempos de crise social e econômica nos séculos XX e XXI, principalmente no mundo do trabalho. Durante esses períodos, os jovens muitas vezes se tornaram vulneráveis à discriminação e à exclusão social. A instabilidade da juventude se tornou mais um tempo de moratória, após a adolescência.

Sob este aspecto, pode-se afirmar que o etarismo reverso, bem como o preconceito etário contra pessoas mais velhas, conhecido como etarismo ou idadeísmo, e a xenofobia em face dos imigrantes (novos bodes expiatórios das crises, como vítimas de genocídios mais ou menos conhecidos, a exemplo dos judeus, povos originários da América e de outros continentes, armênios, tútsis e tantos outros), persistem como bodes expiatórios, resultando na culpabilização de grupos vulneráveis e minoritários.

Por essa razão, do ponto de vista educacional, é fundamental que se conheçam bem os grupos e indivíduos que se educam ou que potencialmente possam educar-se. Só se educa as pessoas a quem se conhece, cuja cultura e seus traços sejam familiares, para se construir pontes de diálogo e compreensão. Caso contrário, plantam-se sementes erradas em solos onde dificilmente germinarão.

Na esteira desse raciocínio, ressalte-se que a Educação Nova expressa e difundida no Brasil pelo *Manifesto dos Pioneiros da Educação Nova*, publicado em 1932 (Machado & Carvalho, 2015), preconizava a relação entre educação e vida, para os processos educacionais fazerem sentido àqueles que deles participavam. Os contextos mudam, o tempo avança, e os grupos se constituem como gerações na estratificação social.

Sob esse aspecto, observa-se que na vida nada se cristaliza a não ser no desejo e na aparência. Valores, atitudes, comportamentos, conhecimentos, capacidades se acham constantemente em mudança, de modo que não há como propor ou, pior ainda, impor subculturas que soam como corpos estranhos, cumpre partir da vida de quem é o centro da educação, criança, adolescente, jovem, adulto, idoso no processo educativo ao longo da vida.

Em tempos de intermediação eletrônica das relações sociais, cumpre valorizar o contato pessoal. Mais ainda, este contato pessoal precisa pautar-se pela razão, mas também pela afetividade, a menos que desejemos construir uma distopia anti-humana. Cabe ainda considerar que as mudanças são incessantes e que as coortes de idade tendem a se diferenciar entre si e dentro de si.

As redes sociais ocupam parte significativa do tempo de crianças e adolescentes (Gomet *al.*, ., 2025). Não há motivo para surpresa: a internet veicula produtos comerciais capazes de assegurar atratividade e uso pelo maior tempo possível, a fim de obter lucros. Desse modo, é possível ser anfíbio: viver nos mundos virtual e real, podendo resvalar para os extremos, um deles a fuga para o mundo virtual. Já existem até confidentes bot, aqueles robôs com imitação da mente e sentimentos humanos, capturando não apenas adultos, mas adolescentes.

Na bolha do quarto, silenciosamente, as redes, com o que têm de bom e mau, inclusive a deep web, constituem agentes educativos suscetíveis de se tornarem mais influentes que a família e a escola, duas instituições da modernidade em declínio. De que modo a escola pode superar os impasses causados pela competição com meios dinâmicos, coloridos, com efeitos sonoros e visuais, enquanto suas suas alunas.os têm um tempo menor de concentração? A.o professor.a precisa se tornar um grande maestro ou um solitário malabarista de circo, executando diversos números capazes de prender a atenção do seu público.

Este torvelinho de emoções, suspenses, angústias e insegurança modela opiniões políticas e gera radicalizações, intensificação de preconceitos, intolerâncias, agressões e horror ao diferente (Dubet, 2022), danificando as liberdades e os regimes democráticos, imperfeitos, claro, mas duramente construídos.

6. Considerações finais

Conforme citado nos tópicos anteriores, a síndrome de Peter Pan, também conhecida como adolescência prolongada, pode se manifestar em estudantes da educação básica e superior. Nessa perspectiva, verificou-se que alguns estudantes das “geração *millennials* e z” têm manifestado comportamentos que se assemelham a essa síndrome, quando apresentam dificuldades em se concentrarem, e de se comprometerem com os estudos, seguirem regras, demonstrarem responsabilidades com as tarefas e se relacionarem de forma madura com professores e colegas, de maneira que tais comportamentos podem vir a prejudicar, posteriormente, o seu desempenho no mundo do trabalho.

Além disso, podem adotar comportamentos incompatíveis com o mundo acadêmico, como a falta de maturidade nos relacionamentos entre professor.a-estudante, orientador.a-orientando.a, transferindo suas responsabilidades pelo processo de ensino-aprendizagem para a “Terra do Nunca.”, afastando-se das exigências e responsabilidades do mundo real.

Uma pesquisa feita pela Deloitte, empresa de auditoria e consultoria empresarial, no final de 2022, aponta que 75% dos jovens da geração z preferem um trabalho flexível a outro com salário alto. Algumas pessoas dessa geração encontram dificuldades no trabalho devido à falta de dedicação, pouco interesse nos desafios, escuta seletiva, imaturidade emocional e falta de responsabilidade (Gasparell et al., 2024).

Outro dado digno de nota se encontra numa reportagem publicada pela revista Fortune, ao revelar que 62% dos entrevistados da geração z não almejam cargos de liderança, preferem permanecer como estão, sem ter que comandar pessoas abaixo do seu cargo, e apenas 4% têm como principal objetivo na carreira um cargo superior (Gasparell et al., 2024).

Por outro lado, *millennials* têm o trabalho como prioridade para conseguir pagar as contas, mas acabam colocando a saúde mental em jogo. E, conforme revela estudo da consultoria Deloitte, feito em 2023, 62% *millennials* brasileiros afirmam viver apenas com o salário do mês, e que se preocupam em não conseguir pagar todas as despesas.

A pesquisa também aponta que mais de 50% deles estão esgotados ou com síndrome de Burnout. Sofrem com carga horária excessiva, pressão, autocobrança e responsabilidades constantes no ambiente de trabalho. Em contraponto, diversos empregadores têm reclamado de alguns trabalhadores das gerações *millennials* e z por entenderem que eles fazem exigências demais, e têm poucos deveres e compromissos. (Gasparelli et al., 2024).

Como forma de defesa às críticas negativas recebidas, as gerações *millennials* e z têm usado com frequência, o termo "Ok, Boomer" como uma resposta irônica e desdenhosa, usada principalmente para criticar atitudes e opiniões consideradas ultrapassadas ou conservadoras da geração “Baby Boomer”, principalmente quando as críticas recebidas fazem alusão a comportamentos que se assemelham à síndrome de Peter Pan.

Para as referidas gerações, a geração “*Baby Boomer*” não os compreende por terem dificuldades em se adaptarem às mudanças culturais e tecnológicas, como o uso de novas mídias, a exemplo do *TikTok*. No entanto, os “*boomers*” argumentam que essa intimidade das “*ger millennials*” e “*z*” com a tecnologia não garante só vantagens, visto que a dependência do *smartphone* e das redes sociais também os tornaram mais vulneráveis na perspectiva psicológica. Para Haidt (2024), a hiperconectividade das novas gerações está causando uma epidemia de transtornos mentais.

De modo que, compreender as particularidades de cada geração é fundamental para promover um diálogo mais aberto e construtivo entre diferentes grupos etários, além da possibilidade de gestores adaptarem as estratégias de educação para atender à parcela de estudantes identificados com comportamentos da síndrome de Peter Pan, ou adolescência prolongada.

Sob esse aspecto, no Brasil, medidas legislativas foram tomadas com o propósito de proteger a saúde mental, física e psíquica de crianças e adolescentes, com a aprovação da *Lei nº 15.100* (Brasil, 2025), que restringe o uso de celulares nas escolas, cabendo a cada uma das redes e escolas, públicas e privadas, definirem suas próprias estratégias de implementação até o início do ano letivo. A regra, válida para a educação infantil e ensino fundamental e médio, proíbe o uso desses aparelhos mesmo durante o recreio e os intervalos, permitindo exceções apenas para fins pedagógicos, emergências ou acessibilidade de estudantes com deficiência.

Pela citada legislação cabe às.aos docentes orientarem os estudantes sobre o uso adequado dos telemóveis (telefones celulares) nas atividades pedagógicas, definir os momentos apropriados para a utilização dos dispositivos e supervisionar o seu uso durante as aulas. Infere-se que tal legislação pode ajudar as.os docentes e demais profissionais da educação a voltarem-se mais para o desenvolvimento de atividades em sala de aula, fazendo uso tanto das tecnologias da escrita e da oralidade, quanto da inteligência artificial das mídias digitais.

Essa integração das tecnologias da escrita, da oralidade e da inteligência artificial das mídias digitais constituem novos modos de aprendizado em rede, uma convergência que integra os melhores recursos proporcionados aos estudantes para superarem medos e inseguranças e alcançarem um estado de amadurecimento emocional e comportamental, e assim se sentirem à vontade para expressar suas dificuldades e emoções. Em alguns casos, pode ser necessário encaminhar a.o aluno.a para um.a terapeuta ou psicanalista, e assim obter apoio emocional individual, considerando os contextos da escola e da família.

Feitas essas ilações, o presente estudo concluiu que a resistência ao amadurecimento, caracterizada como síndrome de Peter Pan, ou adolescência prolongada, tem sido observada especialmente nas “*ge millennials*” e “*z*”. Essa resistência pode ser entendida como uma resposta a um contexto social e econômico complexo, marcado por desafios como a instabilidade financeira, a pressão por resultados imediatos e a influência constante das mídias digitais e sociais.

Some-se a isso, o fato de as *g millennials* e *z* estarem acostumadas com informações que circulam rapidamente na internet, que podem prejudicar a concentração e o desenvolvimento de habilidades como falar em público, inteligência emocional, capacidade de adaptação a novas rotinas, trabalhar em equipe e manter relacionamentos.

Para sanar esse problema, sugere-se que a adaptação ao mundo do trabalho deve partir de ambos os lados, tanto da empresa, que precisa tratar o jovem como adulto, quanto às/os jovens, que devem entender que o mundo do trabalho não é tão flexível, fluido, descartável e instável, como são as mídias digitais e sociais.

Sob esse ângulo, a presente pesquisa não pretendeu reforçar estereótipos, pois os conceitos abordados sobre as gerações nem sempre se aplicam às pessoas nascidas em uma determinada geração. Embora a geração millenials e a geração z estejam mais em evidência por causa das mídias digitais e sociais, as dinâmicas dos confrontos geracionais passaram a ser estudadas principalmente a partir dos anos 1960, com o surgimento dos "boomers" e seus questionamentos sobre as gerações anteriores e posteriores.

Acrescente-se a isso, a importância do estudo da mitologia clássica, com suas histórias e arquétipos, por ser uma ferramenta valiosa para a compreensão e superação de síndromes, ao oferecer perspectivas que auxiliam na reflexão sobre a experiência humana e suas dificuldades. Ao analisar essas histórias é possível identificar padrões, compreender a origem e a evolução dessas experiências e vislumbrar caminhos de sobrelevação de possíveis síndromes de origem psicológica.

Todavia, lamentavelmente, na contemporaneidade, identifica-se certa resistência em lidar com as adversidades e, assim, áreas como a pedagogia e a psicologia, cuja proposta, entre outras, é prestar atenção às pessoas no que concerne aos problemas cotidianos e sofrimento psíquico, tornaram-se reféns das áreas biomédicas. Fato que se pode comprovar pelo alto consumo de medicamentos psiquiátricos pela população (Martinhago, & Caponi, 2019).

Conclui-se, assim, que o estudo sobre o mítico herói Peter Pan, bem como o estudo em geral das mitologias clássicas, pode ajudar a reduzir o estigma associado a síndromes, mostrando que certas experiências são comuns e fazem parte da condição humana, fornecendo um terreno fértil para o autoconhecimento e a elaboração de questões emocionais. Ao conhecer as estratégias utilizadas por personagens míticos para lidar com suas provações, o indivíduo pode ampliar seu próprio repertório de enfrentamento e encontrar novas formas de lidar com seus desafios.

Portanto, no âmbito da educação escolar sugere-se a adaptação da metodologia de ensino para atender às necessidades das/os estudantes, utilizando-se estratégias mais lúdicas, mais interativas e que incentivem a participação e o engajamento delas/es, com atividades literárias prazerosas, que podem ajudá-las/os a ressignificarem suas próprias histórias, encontrando um novo significado para suas experiências e sentimentos e estimulando, assim, a criatividade e a imaginação, que facilitam a escrita de histórias, a elaboração de obras de arte ou outras formas de expressão criativa, auxiliando na elaboração de significados e na construção de um sentido para a própria vida da/o estudante.

Com base nessas premissas, pode-se afirmar que os mitos dialogam nas narrativas teatrais, literárias e cinematográficas, porque os seres humanos precisam de mitos, das histórias, seja para expressar seu inconsciente, seja para explicar o inexplicável. Os mitos alimentam nossa alma, são os elementos que nos dão força para continuar, além de uma esperança, uma forma de lidar com nossos medos, uma maneira de entendermos a nós mesmos e a nossa realidade. Os mitos surgem da nossa necessidade de buscar outra realidade para, por meio desta, entendermos a nossa própria realidade.

Em suma, conclui-se que as dificuldades de ingresso na vida adulta conferem maior complexidade às identidades atuais, entretanto, infere-se que o trabalho conjunto de gestoras.es, professoras.es, estudantes, pais e ou responsáveis pode contribuir para o desenvolvimento saudável e o sucesso escolar dos estudantes que futuramente ingressarão no mundo do trabalho com melhor desempenho, seja em relação às hard skills, que englobam habilidades técnicas, seja em relação às soft skills, que são habilidades comportamentais relacionadas à forma como tratamos os outros e lidamos com as nossas emoções. Consideremos, no entanto, que desempenho e habilidades são elementos de uma das linhas de psicologia da educação, o behaviorismo. Obviamente outras linhas têm diferentes perspectivas.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

- Arnett, J. J. (2023). *Emerging adulthood: The winding road from the late teens through the twenties*. Oxford University Press.
- Barrie, J. M. (1911). *Peter Pan and Wendy*. Charles Scribner's Sons.
- Baudrillard, J. (1981). *Simulacros e simulações*. Relógio d'Água.
- Bauman, Z. (2001). *Modernidade líquida*. Zahar.
- Brasil. (2025, 14 de janeiro). Lei nº 15.100/2025. Dispõe sobre a utilização, por estudantes, de aparelhos eletrônicos portáteis pessoais nos estabelecimentos públicos e privados de ensino da educação básica. *Diário Oficial da União*. https://www.planalto.gov.br/ccivil_03/_ato2023-2026/2025/lei/l15100.htm
- Colauto, R. D. (2021). Editorial: A docência em tempos de síndrome de Peter Pan. *Revista V&R, UFMG*.
- Coleman, J. S. (1965). *The adolescent society: The social life of the teenager and its impact on education*. The Free Press of Glencoe.
- Dubet, F. (2022). *Tous inégaux, tous singuliers: Repenser la solidarité*. Éditions du Seuil.
- Eliade, M. (1972). *Mito e realidade*. Perspectiva.
- Forster, M. (Diretor), Bllflowe, N., & Gladstein, R. (Produtores), & Magee, D. (Roteirista). (2004). *Em busca da Terra do Nunca* [Filme]. Miramax Films; Film Colony; Netter Productions.
- Freud, S. (1915/1987). *O inconsciente*. Imago.
- Freud, S. (1926/2014). *Inibições, sintomas e angústia, o futuro de uma ilusão e outros textos*.. Companhia das Letras.
- Galland, O. (2011). *Sociologie de la jeunesse*. Armand Collin.
- Gasparelli, A. L., Dorini, F., Faria, J., Freitas, L., & Ricardo, V. (2024, 11 de julho). *Quem disse que a geração Z é difícil?* R7. <https://estudio.r7.com/quem-disse-que-a-geracao-z-e-dificil-11072024>

- Gomes, C. A. (2012). Adolescência: Um conceito em busca de realidade? In C. A. Gomes, G. A. F. Nascimento, & S. M. F. Koehler (Eds.). *Culturas de violência, culturas de paz* (pp. 17-46). CRV.
- Gomes, C. A., et al. (2025). *Adolescents and technologies: Walking the tightrope*. Manuscrito inédito.
- Haidt, J. (2024). *A geração ansiosa: Como a infância hiperconectada está causando uma epidemia de transtornos mentais*. Companhia das Letras.
- Heidegger, M. (1953/1979). *Que é metafísica?*. Abril Cultural. (Coleção "Os Pensadores").
- Heráclito. (2003). *Fragmentos contextualizados*. DIFEL.
- Jung, C. G. (1998). O homem e seus símbolos. In E. Roudinesco & M. Plon (Orgs.), *Dicionário de psicanálise* (V. Ribeiro & L. Magalhães, Trans.). Zahar.
- Jung, C. G., Von Franz, M. L., Henderson, J. L., Jacob, J., & Jaffé, A. (1977). O homem e seus símbolos. *Nova Fronteira*. (Edição especial brasileira).
- Kiley, D. (1983). *The Peter Pan syndrome: Men who have never grown up*. Avon Books.
- Lacan, J. (1974-1975). *O seminário, livro 22: RSI*. Zahar.
- Lachance, J. (2013). *L'adolescence hypermoderne: Le nouveau rapport au temps des jeunes*. Presses de l'Université Laval.
- Life expectancy. (n.d.). *Macrotrends*. <https://www.macrotrends.net/global-metrics/countries/gbr/united-kingdom/life-expectancy>
- Machado, M. G., & Carvalho, C. H. (2015). O legado do manifesto de 32 à educação brasileira: Os desafios persistem. *Revista Educação em Questão*, 51(37), 175-194.
- Marques, J. R. (2023). *O que é a síndrome do Peter Pan?* IBC Coaching. <https://www.ibccoaching.com.br/portal/comportamento/o-que-e-sindrome-do-peter-pan/>
- Martinhago, F., & Caponi, S. (2019). Controvérsias sobre o uso do DSM para diagnósticos de transtornos mentais. *Physis*, 29(2). <https://doi.org/10.1590/S0103-73312019290213>
- Morin, E. (2008). *O método 3: O conhecimento do conhecimento*. Sulina.
- Morin, E. (2009). Cultura de massa no século XX: Neurose. *Forense Universitária*. (Edição brasileira de L'esprit du temps).
- Murray, S. (2024). Reverse ageism is real and overlooked. *Knowledge at Wharton: A Business Journal from the Wharton School of the University of Pennsylvania*. <https://knowledge.wharton.upenn.edu/article/reverse-ageism-is-real-and-overlooked/>

Olivieri, F. (2024). Geração Z, Millennials e Boomers: Em que ano começou cada geração? *Revista Exame*.
<https://exame.com/pop/geracao-z-millennials-e-boomers-em-que-ano-comecou-cada-geracao/>

Platão. (séc. IV a.C./2001). *Crátilo*. Instituto Piaget.

Postman, N. (1994). *The disappearance of childhood*. Vintage.

Strauss, W., & Howe, N. (1991). *Generations: The history of America's future, 1584 to 2069* (1st ed.). New York: Quill.

Silvia Regina dos Santos Coelho.

É doutora em educação pela Universidade Católica de Brasília. Membro do Grupo de Pesquisa de Políticas Federais de Educação (UCB). Analista Legislativo – Câmara dos Deputados – Brasil.. Email: silvia.coelho@camara.leg.br. ORCID: 0000-0002-5102-442X.

Candido Alberto Gomes.

É doutor em educação pela UCLA, EUA e membro externo do Centro de Investigação em Didática e Tecnologia na Formação de Formadores, Universidade de Aveiro. Foi professor catedrático no Brasil e em Portugal, fundador da Catedra UNESCO de Juventude, Educação e Sociedade e Assessor Legislativo do Senado Federal e da Assembleia Constituinte. Email: candidoacg@gmail.com. ORCID: 0000-0001-8498-3785.

Ivar César Oliveira de Vasconcelos.

É doutor em educação pela Universidade Católica de Brasília. Universidade de Lisboa – Portugal. Consultor Independente em Educação – Brasília – Brasil. Email: ivcov@hotmail.com. ORCID: 0000-0001-5186-8000.

Receção: 14-07-2025

Aprovação: 30-12-2025

Citação:

Coelho, S. R. S., Gomes, C. A., & Vasconcelos, I. C. O. (2025). Temor da idade adulta: drama de ontem e de hoje. *Todas as Artes: Revista Luso-Brasileira de Artes e Cultura*, 8(1), pp.104-119. ISSN 2184-3805. DOI: <https://doi.org/10.21747/21843805/tav8n1a8>



